

**UCRÂNIA NA ERA STALIN:  
desmantelando Holodomor**

**UKRAINE IN THE STALIN ERA:  
dismantling Holodomor**

Mateus Martins Santos<sup>1</sup>

**RESUMO**

Artigo sobre as principais questões do período de 1930-1933 da política soviética na Ucrânia, as intervenções imperialistas e seus resultados na economia e na qualidade de vida do povo ucraniano. A finalidade do presente trabalho é esclarecer certos pontos que culminaram na criação do chamado “Holocausto Ucraniano” (Holodomor). Com uma análise histórica do período, pode-se abrir um debate teórico sobre os acontecimentos da época, destacando tais acontecimentos pelo ponto de vista historiográfico diante do que foi fabricação anticomunista dos países e burgueses antissoviéticos, desmantelando, de fato, mitos criados pelo anticomunismo.

**Palavras-chave:** Ucrânia. Holodomor. Stalin.

**ABSTRACT**

Article on the most important matters concerning the Soviet policy in Ukraine from 1930 to 1933 and the imperialist interventions and their results on the economy as well as on the Ukrainian people's quality of life. This article aims to clarify certain points that culminated in the creation of the so-called “Ukrainian Holocaust” (Holodomor). By a historical analysis of the period, it is possible to start a theoretical debate on the events of the said period, highlighting such events from a historiographic point of view, and on what was part of the anti-communist fabrication by anti-Soviet countries and bourgeois, dismantling then myths created by anti-communism.

**Keywords:** Ukraine. Holomodor. Stalin.

**INTRODUÇÃO**

Fui um anti-stalinista convicto desde a idade de 17 anos. A ideia de um atentado contra Stalin invadia os meus pensamentos e sentimentos. Estudamos as possibilidades “técnicas” de um atentado. E passamos à sua preparação prática. “Se me tivessem condenado à morte em 1939, essa decisão teria sido justa. Eu concebera o plano de matar Stalin e isso era um crime, não?” Quando Stalin ainda estava vivo, eu via as coisas de outro modo, mas agora que posso sobrevoar este século, digo: Stalin foi a maior personalidade do nosso século, o maior gênio político. Adotar uma atitude científica a respeito de alguém é diferente de manifestar uma atitude pessoal (ZINOVIEV, 1990, p. 48-49).

---

<sup>1</sup> Formação em História pela Universidade Cruzeiro do Sul - SP, estudante de Arquivologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. <http://lattes.cnpq.br/1808616302390339> [prof.mateusmartins@gmail.com](mailto:prof.mateusmartins@gmail.com)

Desde a Guerra Fria, a intensificação da disputa por memória se tornou cada vez mais acirrada, as disputas por narrativas sobre acontecimentos históricos, muitas vezes, perdem o sentido teórico do debate e chegam ao revisionismo histórico. A Ucrânia nos anos 30 passou por um período de grande fome, que ficou conhecido como “Holodomor”, porém a discussão que proponho neste artigo é sobre o que causou essa fome na região, quais circunstâncias a promoveram, tendo em vista a disputa por memória, guerra fria e o anticomunismo que envolve todo o debate.

O anticomunismo promoveu o revisionismo histórico durante a Guerra Fria em muitos aspectos, os quais serão discutidos neste artigo. Os pontos serão divididos de acordo com o tempo histórico em que aconteceu o chamado “Holodomor”, considerando todo o processo de formação da ideia e seu processo histórico, colocando em debate argumentos que contrapõem a ideia de um “holocausto ucraniano” planejado, mas sim de algo mais complexo e geopolítico.

## **1. A ideia nazista**

A ideia do “holocausto ucraniano”, criada para manchar a URSS, começou com Adolf Hitler. Em seu livro *Mein Kampf*, de 1926, dizia que a Ucrânia tinha um papel fundamental para o III Reich, pois pertencia ao *lebensraum* (espaço vital), terras férteis ucranianas, e com o avanço sobre o leste seriam produzidos alimentos para sustentar a população alemã e nações da Europa Ocidental submetidas ao III Reich. Obviamente, esse plano só seria eficaz com um recuo soviético, bem como com a derrota russa em um conflito. Assim, “foi lançada a campanha entre 1934-1935 sobre o tema ‘genocídio’ bolchevique na Ucrânia que deveria preparar os espíritos para a ‘libertação’ projetada da Ucrânia” (MARTENS, 2003, p. 131). O que impressiona é como os EUA fomentam essas mentiras até os dias de hoje e propagam o anticomunismo de forma eficaz através de sua hegemonia no cinema e no entretenimento.

**Figura 1- O cartaz de 1939 mostra um mapa da “Grande Alemanha” antes do início da Segunda Guerra Mundial**



Foto: Reprodução/journals.openedition.org)

## 2. Thomas Walker, o falsário.

Nos Estados Unidos, em 18 de fevereiro de 1935, um jornalista chamado Thomas Walker dispara uma série de artigos sobre a URSS pela imprensa Hearst, grandes simpatizantes da imprensa nazista, e, em 25 de fevereiro, na primeira página do *Chicago American*, a grande manchete: “Fome na União Soviética fez seis milhões de mortos. A colheita dos camponeses confiscada, os homens e seus animais morrem de fome”. No meio da página, um outro título: “Um jornalista arrisca sua vida para obter fotos da carnificina”, e, embaixo da página: “Fome – crime contra a humanidade” (TOTTLE, 1987, p. 5-6).

Figura 2 - “A fome na URSS fez seis milhões de mortos”, diz manchete do *Chicago American*, em 25 de fevereiro de 1935.

Really PINE in Used Car VALUES AMERICAN WANT ADS

CHICAGO AMERICAN

CHICAGO, MONDAY, FEBRUARY 25, 1935

SECOND SECTION NEWS, FEATURES

# SIX MILLION PERISH IN SOVIET FAMINE

## Peasants' Crops Seized, They and Their Animals Starve

Like hardened fiend, two peasant women gather handfuls of trash spilled in streets. They must do this to keep alive in a land of plenty—the Ukraine

—here 4,000,000 children, women and men have died of starvation. The women were permitted, at a great privilege, to pick the kernels.

Soviet's best-bred thoroughbred horses, known the world over, are used now in the agricultural districts. The animals, needed on every farm, are dying off by the millions of starvation.

Five million died in a few years. Here one horse is shown, another in last week's attack. Peasants hoarding food to save their livestock were driven off by armed soldiers.

### Reporter Risks Life to Get Photographs Showing Starvation

STARVATION stalks through the Ukraine section of Soviet Russia, leaving a ghastly trail of death and agony. The Ukraine is the most fertile grain-producing district in Russia.

The facts contained in the series of articles, of which this is the first, were obtained by Thomas Walker, an American newspaperman, now resident in London, at the peril of his life.

When Mr. Walker entered Russia last Spring he was regarded as a spy.

While the photographs shown with these articles were obtained under the most adverse and dangerous possible circumstances, the evidence they present is more grim and graphic than words.

By THOMAS WALKER,  
Noted Journalist and Traveler and Student of Russian Affairs. Was for Several Years Vice Consul of the Union of Soviet Republics.

I HAVE recently toured the Ukraine section of Soviet Russia, where 4,000,000 peasants have perished from starvation in the past eighteen months, due to the starvation tolls made on their crops by the Bukharin government.

Last Winter, Red Army soldiers, under orders from Stalin, took so much of the season's crops from the peasants that they were unable to feed themselves and their livestock through the winter.

Death from starvation in a Soviet hay stack. Although he worked on a very meagre farm where food was plentiful, this peasant could not get enough to eat.

To keep life in his body. Weary from his forced labor, he crawled into this hay stack in his feet. His eyes closed—and never opened again.

(All Pictures Copyright, 1932, by American Newspapers, Inc.)

(Foto: Reprodução/headstuff.org)

Na época, Louis Fischer trabalhava em Moscou para o jornal *The Nation*. A matéria do seu colega, um ilustre desconhecido, intriga-o profundamente. Por isso investiga o caso e apresenta as conclusões aos leitores do seu jornal:

O senhor Walker informa-nos que entrou na Rússia na última Primavera, ou seja, a Primavera de 1934. Ele viu a fome. Fotografou as suas vítimas. Recolheu testemunhos em primeira mão sobre a devastação da fome que vos despedaçaram o coração. A fome na Rússia tornou-se um tema muito quente. Por que razão teria o senhor Hearst guardado estes artigos sensacionais durante dez meses antes de publicá-los? Decidi consultar as autoridades soviéticas sobre o assunto. Thomas Walker esteve uma única vez na União Soviética. Recebeu um visto de trânsito no consulado soviético, em Londres, no dia 29 de setembro de 1934. Entrou na URSS a partir da Polónia, de comboio, em Negoreloye, no dia 12 de outubro de 1934. Não na Primavera, como afirmou. No dia 13 chegou a Moscou. Permaneceu em Moscou de sábado, 13, a quinta-feira, 18, e tomou em seguida o Transiberiano que o levou à fronteira entre a União Soviética e a Manchúria em 25 de outubro de 1934... Teria sido impossível ao Sr. Walker, nos cinco dias compreendidos entre 13 e 18, percorrer um terço dos pontos que “descreve” por experiência própria. Minha hipótese é que permaneceu tempo suficiente em Moscou para obter no azedume de terceiros a “cor local” ucraniana de que necessitava para dar a seus artigos a falsa veracidade de que se revestiram (MARTENS *apud* FISCHER, 2003, p. 131-132).

Douglas Tottle, autor do livro *Fraud Famine and Fascism the Ukrainian Genocide Myth*, em que desmascara o fabricado Holodomor, cita essa manchete do Chicago American, mostrando a verdadeira origem das fotos que o referido jornalista, endossado pela imprensa Hearst, usou para fabricar informações contendo inverdades, por motivos que descobriremos mais à frente.

Walker escreve abaixo de uma foto de criança desnutrida: “Terrível! A Norte de Khárkov, uma moça muito magra e o seu irmão de dois anos e meio. Esta criança rastejava pelo chão como um sapo e seu pobre pequeno corpo estava tão deformado por falta de comida que não parecia sequer um ser humano”.

Douglas Tottle, em seu livro, encontra essa foto da moça magra e seu irmão, datada da primavera de 1934, em uma publicação de 1922. Outra imagem utilizada na matéria de Walker, a fotografia de um soldado da cavalaria austríaca ao lado de um cavalo morto, é um registro da I Guerra Mundial. Certamente, as fotos falsas abrem precedente para investigarmos a veracidade da matéria.

Para finalizarmos com Thomas Walker, a sua falsidade era tão grande que nem seu nome era verdadeiro, seu nome era Robert Green, foragido da prisão no Colorado após ter cumprido dois anos de uma pena de oito, isso antes de escrever a matéria falsa sobre a Ucrânia, país, aliás, em que ele nunca pôs os pés, conforme disse em um Tribunal nos EUA (MARTENS, 2003, p. 133). Ou seja, a primeira grande matéria sobre o holocausto Ucrâniano foi fabricada.

### **3. A William Hearst a serviço do anticomunismo**

O multimilionário William Randolph Hearst encontrou-se com Hitler no final do Verão de 1934, para concluir um acordo estipulando que a Alemanha passaria a comprar as suas notícias internacionais do *International New Service*, uma agência que pertencia ao grupo Hearst. Nessa época, a imprensa nazista já tinha iniciado uma campanha sobre “a fome na Ucrânia”. Hearst dará a sua contribuição graças à imaginação do seu grande explorador, o sr. Walker (TOTTLE, 1987, p. 13-15). Na imprensa de Hearst, apareceram outros testemunhos do mesmo gênero sobre a fome. Um certo Fred Beal os colocou em letra de forma. Operário norte-americano condenado a 20 anos de prisão em decorrência de uma greve, Beal refugiou-se na União Soviética no ano de 1929, trabalhando durante dois anos na fábrica de tratores de Khárkov. Em 1933, publica um pequeno livro intitulado *Foreign workers in a Soviete Tractor Plant*, no qual relata, com simpatia, os esforços do

povo soviético. No final de 1933, regressa aos Estados Unidos, encontra o desemprego e a prisão. Em 1934, começa a escrever sobre a fome na Ucrânia, que lhe rende a redução significativa de sua pena pelas autoridades. Quando o seu testemunho é publicado por Hearst, em junho de 1935, J. Wolynech, um outro norte-americano que tinha trabalhado cinco anos na mesma fábrica em Khárkov, apontara as mentiras que entremeiam o texto. Sobre as inúmeras conversas que Beal alegava ter registado, Wolynech nota que Beal não falava nem russo nem ucraniano. Em 1948, Beal ofereceu outra vez os seus serviços à extrema-direita como testemunha de acusação contra comunistas perante o Comité McCarthy (TOTTLE, 1987, p. 19-21).

Apesar do fiasco de Thomas Walker, Hearst não desistiu da campanha de fome - genocídio, era parte integrante de sua propagação geral de pontos de vista antissoviéticos e pró-fascistas. Pode-se afirmar que William Randolph Hearst era conhecido por milhões durante a década de 1930 como "O fascista número um da América".

**Figura 3 - Hearst com oficiais nazistas em sua visita à Alemanha em 1934 junto com seu secretário nazista, à direita, Alfred Rosenberg. Um mês após sua volta da Alemanha, começou sua campanha política sobre o "Holodomor".**



**(Foto: Reprodução/Douglas Tottle)**

Hearst era, no mínimo, um simpatizante do fascismo, outros testemunhos do mesmo gênero do Thomas Walker surgiram na empresa de Hearst, cuja ideia principal era difamar a União Soviética. Em 1935, o Doutor Ewald Ammende lança o livro *Muss Russland hungern?*, um livro que se baseia em fontes como a imprensa nazista alemã, a

imprensa fascista italiana, trazendo uma série de fotografias suspeitas, como a do falsário Thomas Walker, que usou fotos de 1922, mas as datando como 1933.

#### **4. A Farsa Holodomor usada por intelectuais**

Muitos se perguntam como grandes intelectuais de universidades respeitadas, muitos até simpatizantes da esquerda, contribuem com o anticomunismo, reproduzindo essas fontes mentirosas que, bastando um pouco de pesquisa, logo são desmascaradas. A realidade é que o material acadêmico ocidental já normalizou ligar a figura de Stalin a algo negativo, tendo em vista a força do anticomunismo na academia, principalmente quando são pesquisadores que se opõem a Stalin e buscam, a qualquer custo, sujar sua imagem.

Quando Reagan lançou a sua cruzada anticomunista, no começo dos anos 80, o professor James E. Mace, da Universidade de Harvard, julgou oportuno reeditar e prefaciar o livro de Ammende sob o título *Human Life in Rússia*. Estávamos no ano de 1984. Dessa forma, todas as falsificações nazistas, os falsos documentos fotográficos e a pseudo reportagem de Walker na Ucrânia obtiveram a respeitabilidade acadêmica associada ao nome de Harvard (MARTENS, 2003, p. 134).

A cultura do anticomunismo se expandiu, principalmente, depois do fim da União Soviética, onde o imperialismo se sentiu vencedor sobre o proletariado, e faria de tudo para convencer as próximas gerações que a revolução comunista seria possível só na teoria. Livros, documentários e filmes foram lançados e países que ainda resistiam (muitos ainda resistem) ao imperialismo são atacados em massa com toda a propaganda anticomunista.

#### **5. Afinal, o que causou problemas na Ucrânia?**

Seria uma irresponsabilidade dizer que não houve fome na Ucrânia entre 1932-1933, e isso ocorreu graças à extrema-direita ucraniana, ligada a hitleristas, que tentaram sabotar o socialismo a todo custo, agindo contra a coletivização da agricultura.

Frederick Schuman viajou como turista pela Ucrânia durante o período da fome, e, em 1957, já professor do *Williams College*, publicou um livro sobre a União Soviética. Nessa obra, falou da fome:

A oposição dos *kulaques* manifestou-se de início pelo abate do gado bovino e cavalos, que consideravam preferível a vê-los coletivizados. Dado que a maioria das vacas e dos cavalos pertencia aos *kulaques*, o resultado foi terrível para a

agricultura soviética. Entre 1928 e 1933, o número de cavalos passou de cerca de 30 milhões para menos de 15 milhões; de 70 milhões de cabeças de gado bovino, das quais 31 milhões vacas, passou-se para 38 milhões, das quais 20 milhões de vacas; o número de carneiros e cabras diminuiu de 147 milhões para 50 milhões e o de porcos, de 20 milhões para 12 milhões. Alguns *kulaques* assassinaram funcionários, incendiaram propriedades coletivas e chegaram a queimar as suas próprias colheitas e sementes. Um número ainda maior recusou-se a semear e a colher, talvez na convicção de que as autoridades lhes fariam concessões e lhes assegurariam de qualquer forma a alimentação. O que se seguiu foi a “fome” de 1932- 1933. [...] Relatos macabros, fictícios na sua maior parte, apareceram na imprensa nazi e na imprensa de Hearst nos Estados Unidos [...]. A fome, nas suas fases ulteriores, não foi o resultado de um déficit de alimentação, apesar da redução importante das sementes e das colheitas, consequência das requisições especiais na Primavera de 1932, motivadas aparentemente pelo receio de uma guerra com o Japão. A maior parte das vítimas foram *kulaques* que se haviam recusado a semear os seus campos ou que tinham destruído a sua colheita (TOTTLE, 1987, p. 94)

O testemunho é confirmado por um artigo publicado em 1934, de Isaac Mazepa, chefe do movimento nacionalista ucraniano e ex-primeiro-ministro de Petliúra em 1918, que chegou, inclusive, a se gabar de a direita ter conseguido em 1930-1932 sabotar em grande escala os trabalhos agrícolas:

Começou por haver distúrbios nos *kolkhozes*, noutras lugares foram mortos funcionários comunistas e seus colaboradores. Mas depois desenvolveu-se sobretudo um sistema de resistência passiva que visava entrar sistematicamente os planos dos bolcheviques para as sementeiras e colheitas. Os camponeses faziam parte da resistência passiva; mas, na Ucrânia, a resistência adquiriu o carácter de uma luta nacional. A oposição da população ucraniana provocou o descalabro do plano de colheitas de 1931 e, sobretudo, de 1932. A catástrofe de 1932 foi o golpe mais duro que a Ucrânia soviética suportou depois da fome de 1921-1922. As campanhas das sementeiras falharam tanto no Outono como na Primavera. Vastas áreas foram deixadas incultas. Ainda por cima, no ano anterior, no início das ceifas, em várias regiões, sobretudo no Sul, 20, 40 e mesmo 50 por cento dos cereais foram deixados nos campos, não foram colhidos ou foram destruídos durante a colheita (TOTTLE, 1987, p. 94).

Outro motivo que foi crucial para a fome na Ucrânia foi a seca entre 1930 e 1932, podemos usar fontes dos próprios opositores dos bolcheviques. Michail Kruchevski, historiador nacionalista, em seu livro *História da Ucrânia*, afirmou que “[...] este novo ano (1932) de seca coincidiu com condições agrícolas caóticas” (TOTTLE, op.cit., p. 91).

O professor Michael Florinsky, que lutou contra os bolcheviques durante a Guerra Civil, diz o mesmo: “[...] secas severas em 1930 e 1931, especialmente na Ucrânia, agravaram a situação da agricultura e criaram condições próximas da fome” (TOTTLE, 1987, p. 92).

Outro desastre que ocorreu na Ucrânia foi uma epidemia de tifo em 1932. Segundo Tottle, um arquiteto canadense de renome chamado Hans Blumenfeld, que na época morava na cidade de Makaiévka, relatou:

Não há dúvida de que a fome tem feito muitas vítimas. Não disponho de dados para calcular o seu número. [...] Provavelmente a maior parte das mortes de 1933 foi causada por epidemias de tifo, de febre tifoide e de disenteria. Doenças transmitidas pela água eram frequentes em Makaiévka; eu próprio sobrevivi à justa de um ataque de febre tifoide (TOTTLE, 1987, p. 97).

Aliás, o próprio Hans Blumenfeld descreve em *Memoires* o que viveu na época da fome na Ucrânia:

Uma conjunção de um número de fatores a causa. Em primeiro lugar, o Verão quente e seco de 1932, que já tinha visto no Norte de Viátka, fez fracassar a colheita nas regiões semiáridas do Sul. Depois, a luta pela coletivização tinha desorganizado a agricultura. A coletivização não era um processo que seguia uma ordem e regras burocráticas. Consistia em ações dos camponeses pobres, encorajados pelo Partido. Os camponeses pobres revelavam grande entusiasmo em expropriar os *kulaks*, mas mostravam menos fervor na organização de uma economia cooperativa. Em 1930, o Partido já tinha enviado quadros para combater e corrigir os excessos. (...) Depois de, em 1930, ter dado provas de prudência, o Partido desencadeou nova ofensiva em 1932. Como consequência, a economia dos *kulaks* deixou de produzir nesse ano e a nova economia coletiva ainda não estava a produzir em pleno. Com uma produção insuficiente, assegurava-se, em primeiro lugar, as necessidades da indústria urbana e das forças armadas;- não era possível fazer de outro modo, já que o futuro de toda a nação, inclusive dos camponeses, dependia delas [...] em 1933, as chuvas foram suficientes. O Partido enviou os seus melhores quadros para ajudar no trabalho organizativo dos *kolkhozes*. Tiveram êxito. Após a colheita de 1933, a situação melhorou radicalmente e com uma velocidade impressionante. Tive a impressão de que havíamos puxado uma carroça muito pesada através de uma montanha na incerteza de o conseguirmos, mas, no Outono de 1933, tínhamos ultrapassado o cume e a partir daí podíamos avançar em ritmo acelerado (TOTTLE, 1987, p. 97).

## 6. Número real de mortes

De acordo com Martens (2003, p. 136), em 1964, o professor Dana Dalrymple publica um artigo chamado *The Soviet Famine 1932-1933* e afirma que houve 5,5 milhões de mortos na Ucrânia. Chequemos quatro fontes desse professor para entender o que o fez chegar nessa estatística. A primeira fonte seria Thomas Walker, que disparou, em 1935, diversos artigos falsos sobre a Ucrânia soviética. A segunda fonte, Nicholas Prychodko, que, na ocupação nazista, era ministro da Cultura e da Educação na Ucrânia. Já a fonte três seria Otto Schiller, funcionário nazista, encarregado pela reorganização da agricultura ucraniana, ocupada por nazistas. A fonte quatro, por fim, seria Ewald Ammende, nazista,

que, aliás, só pisou na Rússia em 1922, mas escreveu duas cartas dizendo horrores que teria visto, e mesmo sendo desmentido na mesma época, Dana Dalrymple ainda o usou como fonte. Dalrymple usou 20 fontes para fazer seu trabalho acadêmico, o problema é que as fontes eram escolhidas a dedo para justificar o trabalho anticomunista no qual ele criava.

Ralph Barnes, do *New York Herald Tribune*, e Walter Duranty, do *New York Times*, jornalistas americanos que viviam em Moscou, julgam as mortes entre 1 milhão e 2 milhões de mortos pela fome. Dois jornalistas conhecidos pelo alto nível de profissionalismo, porém as informações vindas de figuras como Thomas Walker ou de nazistas parecem ser mais bem-vindas aos olhos de Dalrymple.

## **7. Stalin e o processo de “ucranização”**

Os bolcheviques, usando a política de *affirmative action* promovida pelo poder soviético em relação às minorias nacionais e aos “irmãos e camaradas” ucranianos, logo após a Revolução de Outubro, em março de 1925, o Partido torna Lazar Kaganovitch, o secretário do partido na Ucrânia, tendo a intenção de um projeto de “ucranização” da cultura, da escola, da imprensa, da editoria, dos quadros do partido e do aparelho estatal, pois, segundo Stalin, “[...] a nação ucraniana existe e os comunistas devem desenvolver sua cultura” (LOSURDO, 2010, p. 203).

Em 1931, a publicação de livros em ucraniano “[...] atinge o seu ponto culminante, com 6.218 títulos em 8.086, quase 77%”, enquanto a porcentagem dos russos do partido, que em 1922 era de 72%, diminui para 52% (GRAZIOSI, 2007, p. 202-311).

O governo soviético não planejava matar ucranianos de fome, aliás, muitos russos viviam em massa em algumas cidade ucranianas, a Ucrânia fazia parte da URSS e era fundamental para o crescimento econômico soviético. O projeto de ucranização visava um fortalecimento real do povo ucraniano a sua cultura, visando o bem do proletariado ucraniano. Leon Trotsky, nascido na Ucrânia, mesmo sendo a favor do movimento independentista ucraniano, jamais citou o Holodomor. A tese usada hoje sobre o chamado “holocausto ucraniano” sugere que isso ocorreu no começo da década de 1930, porém Leon Trotsky aduziu que “o problema ucraniano se tornou agudo no início de ano”, que era 1939 (LOSURDO, 2010, p. 201). Trotsky, um dos maiores críticos de Stalin, condena com muita veemência a repressão da URSS comandada por Stalin, e às vezes até o compara a Hitler, porém não cita nada sobre esse “holocausto da fome”.

**Figura 4 - Lazar Kaganovich ao lado de Stalin, Pavel Postyshev e Kliment Voroshilov, em janeiro de 1934**



(Foto: Reprodução/rushist.com)

## **8. Planos Hitleristas**

Hitler proclama, em várias ocasiões, que os ucranianos, assim como todos os “povos subjugados”, devem ser mantidos à devida distância da cultura e da instrução e que é preciso destruir também a sua memória histórica, é bom que não saibam sequer ler e escrever. E não é tudo. “Pode-se muito bem passar sem 80% a 90% da população local” (KERSHAW, 2001, p. 668). Sobretudo, pode-se, de maneira total, passar sem classes intelectuais. A sua liquidação é a condição para poder transformar o povo subjugado numa casta hereditária de escravos e semiescravos, destinados a trabalhar e a morrer de trabalho a serviço da raça dos senhores.

O programa nazista é depois esclarecido por Himmler. Trata-se de eliminar, imediatamente, os judeus, cuja presença é importante no âmbito das classes intelectuais, e reduzir ao mínimo a população ucraniana total, de modo a aplanar o caminho para a “futura colonização germânica”. E assim que, também na Ucrânia, andem junto com a “construção do império nazista” e “holocausto”, e, para tanto, os nacionalistas ucranianos, que constituem a fonte principal e os principais propagandistas do livro de Conquest, contribuíram para isso (LOSURDO, 2010, p. 200).

## 9. Caminhos políticos na Ucrânia

O que impressiona é que, apesar de os planos nazistas terem sido danosos para a Ucrânia, grande parte da população atualmente participa de manifestações neonazistas e de extrema-direita no país, partidos e personalidades nacionalistas ligadas ao nazismo são colocadas em pedestais, como Roman Shukhevych, o comandante do Batalhão Nachtigall da OUN-B, que massacrou judeus em Lviv e Belarus, John Demjanjuk, um vigilante dos campos de extermínio, Stepan Bandera, colaborador nazista da Segunda Guerra Mundial e líder da OUN-B, entre outros mais, e são muitas vezes endossados por partidos políticos nacionalistas que comandam essa onda conservadora ucraniana, como se pode ler na seguinte manchete de Max Blumenthal, de 24 de fevereiro de 2014:

Bandeiras supremacistas brancas e bandeiras confederadas foram colocadas na prefeitura ocupada de Kiev, e manifestantes içaram a SS nazista e símbolos de poder branco sobre um memorial tombado de Lenin. Depois que Yanukovich fugiu de seu palácio por helicóptero, os manifestantes destruíram um memorial aos ucranianos que morreram lutando contra a ocupação alemã durante a Segunda Guerra Mundial. As saudações nazistas e o símbolo nazista tornaram-se cada vez mais comuns na Praça Maidan (Kiev), e as forças neonazistas estabeleceram "zonas autônomas" em Kiev e arredores (WIKIPÉDIA, 2020, disponível em [wikipedia.org/wiki/Svoboda\\_\(partido\)](http://wikipedia.org/wiki/Svoboda_(partido)))

Figura 5 - Manifestação pró-nazista na Ucrânia



Foto: Reprodução/outraspalavras.net

Um dos partidos populares e surpreendentes dessa safra nacionalista é o União Pan-Ucraniana, conhecido como "Svoboda". É um partido político ucraniano e, atualmente, um dos cinco maiores partidos do país. Três membros do partido ocupam posições no governo da Ucrânia. Fundado em 1991, atua como um partido populista, defensor do nacionalismo e anticomunismo. Posicionado à direita no espectro político ucraniano, vários estudiosos e boa parte da imprensa ocidental o classificam como extrema-direita, mesmo que esse ponto

de vista não seja unânime, já que alguns simplesmente o classificam somente como direita. A filiação foi restrita aos ucranianos étnicos, e, por algum tempo, o partido não aceitou ateus ou ex-comunistas, recrutando geralmente muitos *white powers* e *hooligans*.

**Figura 6 - Oleh Tyahnybok, do partido “Svoboda”, fazendo saudação nazista**



**Foto: Reprodução/waltersorrentino.com.br**

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ideia que podemos analisar é que o anticomunismo e a demonização de Stalin e URSS sempre foi um projeto imperialista para enfraquecer e desqualificar o Socialismo. Não seremos ingênuos em pensar que não houve problemas na URSS, principalmente após a morte de Stalin, mas o debate deve ser levantado sem falsificação histórica. Não há essa preocupação que se cria sobre a fome na Ucrânia com a fome na Índia, promovida por Churchill, ou o genocídio por ele promovido em Galípoli, tampouco sobre o ataque covarde em Hiroshima e Nagasaki, promovida por estadunidenses a mando do presidente Truman. E esses acontecimentos citados ocorreram antes dos anos 90, pois, se olharmos a política imperialista hoje, só dos ataques ao Oriente Médio e Continente Africano da era W. Bush e Obama, notamos a seletividade da “comoção” acadêmica e por parte da grande imprensa.

Essa guerra de narrativas e a luta por memória é comum na sociedade moderna. A era da informação tem ajudado muito nesse quesito, e cabe a nós historiadores, professores e cidadãos na sociedade abrir essas novas discussões para o enriquecimento teórico dos

debates. A história se transforma, e cabe aos indivíduos que fazem parte dela construí-la, analisá-la, discuti-la e, se preciso, ressignificá-la.

## **REFERÊNCIAS**

BLUMENFELD, Hans. **Russia since 1917**: four decades of Soviet politics, 1957.

BLUMENTHAL, Max. AlterNet, Is the U.S. Backing Neo-Nazis in Ukraine? 24 fev. 2014.

DALRYMPLE, Dana. **The Soviet Famine 1932-1933**. Vol. XV (1963-64).

FISCHER, Louis. **The Nation Journal**, 1935.

GRAZIOSI, Andrea. Storia dell 'Unione Sovietica. 1917-1945, Bologna Società editrice il Mulino, 2007.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**, 1926.

KERSHAW, Ian, **Hitler, 1936-1945**: Nemesis, 2001.

LOSURDO, Domenico. **Stalin, História Crítica de Uma Lenda Negra**. Editora Revan, 2010.

MARTENS, Ludo. **Stalin, Um Outro Olhar**. Editora Revan, 2003.

TOTTLE, Douglas. **Famine and Fascism**, The Ukranian Genocide Mith from Hitler to Havard, Progress Books, Toronto, 1987.

WIKIPEDIA. **Svoboda (partido)**. Disponível em [wikipedia.org/wiki/Svoboda\\_\(partido\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Svoboda_(partido))  
Acesso em: 18 abr. 2020.

ZINOVIEV, Alexandre. **Les confessions d'un homme en trop**. Ed. Olivier Orban, 1990, p. 104, 120, Interview Humo, 25 de fevereiro de 1993.